

SOCIOLOGIA

Sociologia: Revista da Faculdade de
Letras da Universidade do Porto
ISSN: 0872-3419
revistasociologia@letras.up.pt
Universidade do Porto
Portugal

Serafino, Irene
MOTA, Graça e TEIXEIRA LOPES, João (Orgs.), (2017) Crescer e tocar na Orquestra
Geração, Vila do Conde, Verso da História.
Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. XXXIV, 2017,
pp. 137-140
Universidade do Porto
Porto, Portugal

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=426554704008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

RECENSÃO

MOTA, Graça e TEIXEIRA LOPES, João (Orgs.), (2017) *Crescer e tocar na Orquestra Geração*, Vila do Conde, Verso da História.

Irene Serafino

Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

Analisar e refletir sobre projetos culturais e artísticos em âmbitos educativos e com grupos de populações vulneráveis torna-se hoje urgente, tendo também em vista o aumento dos discursos e das práticas sobre esta temática. A investigação tratada na obra *Crescer e tocar na Orquestra Geração* (2017), situada quer na área da música quer na área sociológica, analisa o projeto da Orquestra Geração, implementado em Portugal desde 2007. O estudo interdisciplinar envolveu especialistas de diferentes filiações científicas e institucionais. Compreender a relação entre a música e a inclusão social é o grande objetivo deste escrito, que levanta interessantes questões teóricas e metodológicas.

A obra, subdividida em 4 partes e com um total de 9 capítulos, acompanha o processo de investigação de um estudo de caso. Para o leitor é possível acompanhar os 11 autores das 268 páginas da obra através de um roteiro que sublinha o andamento das diferentes fases do estudo e os seus contributos reflexivos.

O prefácio de Augusto Santos Silva, consultor do estudo que acompanhou a evolução do projeto a partir de um olhar externo, citado ao longo da obra como ponto de referência para uma discussão crítica, aponta algumas questões relevantes que a análise da Orquestra Geração enquanto processo social levanta: a inscrição da música nas nossas práticas sociais, seu valor e sentido e a possibilidade de observar fenômenos de apropriação social da música erudita enquanto recurso e método de integração

social.

Na introdução, escrita pelos dois organizadores da obra, se apresenta o contexto do estudo, a sua génesis, a constituição da equipa e uma breve descrição da divisão do livro. A primeira parte do volume oferece uma visão panorâmica que permite ao leitor situar-se a nível teórico, metodológico e da especificidade do objeto de estudo.

No primeiro capítulo, escrito por João Teixeira Lopes, Graça Mota, Ana Luísa Veloso e Rute Teixeira, são tratadas as perspetivas críticas sobre música e inclusão social, enquanto contributos para a compreensão do fenómeno das orquestras juvenis. Os autores destacam a importância de compreender a relação entre a música e a inclusão social, que envolve a construção e reconstrução de significados, a criação de comunidades de prática (musical), a aprendizagem não formal, as oportunidades de acesso a ambientes musicais independentemente dos recursos socioeconómicos e culturais dos potenciais participantes, situando-se na abordagem da democracia cultural e cidadania, da arte enquanto forma de integração social.

No segundo capítulo, escrito por Matilde Caldas e Graça Mota, apresenta-se a Orquestra Geração e descreve-se o seu enquadramento, sublinhando a inspiração ao modelo venezuelano “*El Sistema* (ES) – Sistema Nacional de Orquestras Infantis e Juvenis da Venezuela” (p.49). Evidenciam-se também as especificidades da implementação da experiência portuguesa através de uma visão diacrónica da Orquestra Geração entre os anos 2007 e 2015, passando pela descrição dos primeiros núcleos e até a expansão da experiência no território nacional. O estudo aborda diferentes dimensões como as questões metodológicas e pedagógicas, ligadas ao repertório, à formação dos professores e às atividades, e a estrutura organizativa da Orquestra Geração ao longo das suas quatro fases: 1) a implementação do projeto nas escolas abrangendo até ao 3º ciclo; 2) a constituição das Orquestras Municipais ou Intermunicipais; 3) a criação de orquestras regionais; 4) a criação de uma orquestra nacional.

No terceiro capítulo estão traçadas as opções metodológicas do estudo e o leitor pode acompanhar o processo de aproximação e andamento da investigação. Conforme os autores Graça Boal-Palheiros, Ana Luísa Veloso, Ana Isabel Cruz e Pedro Santos Boia, a investigação assentou em dois pilares: “as possíveis relações entre a música e a inclusão social [...] e as questões que emergem da pedagogia musical implementada” (p.60). Nota-se a importância atribuída à aplicação de abordagens metodológicas complementares através do trabalho de triangulação de várias técnicas de recolha de dados (análise documental, observação, entrevistas, questionários), da confrontação de múltiplas perspetivas e da importância de oferecer um contributo ao desenho e à realização de estratégias de educação e integração de e pela música. Su-

blinha-se também a centralidade do trabalho de equipa salientando o caráter coletivo da investigação.

A segunda parte do livro apresenta a discussão dos resultados, abordando diferentes níveis de análise. No quarto capítulo, escrito por Ana Isabel Cruz, Graça Mota e Jorge Alexandre Costa, a reflexão move-se a partir da triangulação dos dados recolhidos focando diferentes aspectos. Os autores consideram complementarmente diferentes tipos de dados e analisam as pedagogias musicais em relação com as práticas, as consequências observáveis, os efeitos nas trajetórias dos indivíduos, nos seus percursos familiares e no sistema de educação. Ao focar nas motivações e objetivos do projeto, este capítulo aproxima o leitor às interpretações das questões fundamentais que nortearam a investigação, trabalhando as ambivalências ou as complementaridades existentes entre os dois grandes objetivos da Orquestra Geração: “a inclusão social e a excelência musical” (p.82).

No quinto capítulo Jorge Alexandre Costa, Ana Isabel Cruz e Graça Mota, apresentam uma análise da estrutura organizativa da Orquestra Geração. A análise da Orquestra Geração como um sistema de atividade e seus cinco princípios é acompanhada por um modelo organizacional constituído por 6 partes: o centro operacional, o vértice estratégico, a linha hierárquica intermédia, a tecnoestrutura, a logística e, enquanto quadro de referência das outras 5 partes, a ideologia. Nas reflexões finais do capítulo, os autores discorrem sobre alguns aspectos críticos, como a necessidade de uma maior descentralização do modelo organizativo e a maior distribuição do poder, tal como sobre possíveis linhas de implementação destas recomendações.

Conclui esta segunda parte da obra o sexto capítulo, escrito por Jorge Alexandre Costa, Ana Isabel Cruz, Rui Bessa, Rui Ferreira, Graça Boal-Palheiros e Pedro Santos Boia. A partir do estudo da organização curricular e das orientações programáticas, analisam-se as orientações pedagógicas utilizadas na formação musical com a intenção de compreender como se constrói o significado musical na concretização do «campo de formação sócio musical” (p.131) da Orquestra Geração.

Na terceira parte da obra apresentam-se olhares originais de participantes da Orquestra Geração. No sétimo capítulo, Matilde Caldas, participante da Orquestra Geração e investigadora do estudo contemplado no livro, analisa de forma reflexiva a relação entre o trabalho académico e os problemas sociais específicos estudados, entre a investigação e a prática cultural, a partir de um olhar multidimensional e privilegiando que a sua experiência lhe proporcionou.

Em continuidade com a apresentação de olhares originais, o oitavo capítulo escrito por João Teixeira Lopes, Pedro Santos Boia, Ana Luísa Veloso e Matilde Caldas,

foca-se nos retratos sociológicos de 35 jovens participantes da Orquestra Geração, dos quais 13 apresentados de forma mais extensa, efetuados a partir dos relatos dos próprios entrevistados. Conforme os autores, a metodologia dos retratos sociológicos permitiu dar voz às experiências e aos pontos de vista dos jovens participantes da Orquestra Geração e constituiu um importante contributo original: “Dando espaço às vivências, ideias, opiniões e às trajetórias dos que são eleitos sujeitos-alvo deste projeto de inclusão social através da música, este capítulo pode ser visto, de certo modo como o coração deste livro” (p.173). Evidenciando as singularidades, mas também as regularidades entre os retratos, o esforço de análise dos autores procurou criar um “mosaico de experiências singulares” (p.174) a partir das interpretações e (re)construções biográficas. Apesar de ser apontada a possibilidade de os relatos serem reflexos de um discurso dominante, os autores evidenciam a importância do papel que o discurso dominante pode ter para “antecipar ‘resultados’ esperados” (p.250).

Na quarta parte da obra, constituída pelo nono e último capítulo, os organizadores João Teixeira Lopes e Graça Mota avançam algumas conclusões em relação à compreensão de como a Orquestra Geração pode atuar enquanto agente de socialização, mecanismo de inclusão e mobilidade social e enquanto comunidade de prática territorialmente enraizada. Discutem, assim, os temas mais relevantes e apontam possíveis caminhos no domínio da investigação, assim como sugestões para a construção de projetos que associam as práticas musicais coletivas à inclusão social. Evidenciam a importância de efetuar estudos multidimensionais e sugerem uma maior atenção às parcerias interinstitucionais com grupos presentes no território, proporcionando um maior envolvimento da comunidade e a superação de uma “excessiva centralização de decisões e procedimentos” (p.261).

De forte atualidade, o livro possui um fio condutor coerente que analisa uma temática complexa e torna-se um exemplo de um esforço de compreensão e reflexão interdisciplinar de projetos artísticos em âmbitos educativos e de integração social. A investigação apresentada, em suma, sugere a importância de estudos interpretativos e reflexivos de boas práticas de trabalhos de inclusão social, assim como uma análise das experiências que considere as peculiaridades do contexto onde as mesmas ocorrem.

Irene Serafino. Doutoranda em Sociologia na Universidade do Porto (UP) com bolsa de estudo SFRH/BD/100168/2014, pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT); Investigadora integrada do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (ISUP); Graduação e Mestrado em Políticas Sociais e Serviço Social pela Faculdade de Ciências Políticas da Universidade de Bolonha (UNIBO). *E-mail:* irene.serafino85@gmail.com